

Em nome de Deus, clemente e compassivo: semântica e teologia da *basmallah* muçulmana

In the name of God, gracious and merciful:
Semantics and Theology
of Muslim *basmallah*

*Marcial Maçaneiro**

Resumo: O autor propõe um estudo sobre os termos da *basmallah*, com vistas à compreensão do Islã e ao diálogo islâmico-cristão. Apresenta cada termo da invocação (Em nome de Allah, clemente e compassivo), com suas radicais árabes, sentidos e opções de tradução. A proximidade entre os termos árabes e hebraicos aponta ao Deus Único de Abraão, identificado como piedoso e misericordioso. Teologicamente, são considerados os atributos divinos *rahman* (clemente) e *rahim* (compassivo): semelhanças, distinções e ênfases conforme algumas escolas de teologia islâmica. Por fim, se destaca a Revelação do Deus de Abraão, partilhada por judeus, cristãos e muçulmanos, bem como o imperativo da misericórdia para com o próximo, da parte dos crentes.

Palavras-chave: Islã; Revelação; Basmallah; Misericórdia.

Abstract: Author proposes a study on every single word of *basmallah*, aiming to promote Islamic-Christian dialogue and the understanding of Islamic faith. Author also explains the solemn invocation (In the name of Allah, the Merciful and Compassionate) with its linguistic

* Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Professor da Faculdade Dehoniana, Taubaté, SP. Membro da *International Commision for Catholic-Pentecostal Dialogue* (Santa Sé). marcialscj@hotmail.com.

source, meaning and translation. The close link between Arabic and Hebrew vocabulary of *basmallah* points to the Only-One God of Abraham, recognized as merciful and beneficent. The divine attributes of *rahman* (merciful) and *rahim* (compassionate) are theologically explained by the Author: similarities, differences and specific emphasis in according to some Islamic theological schools. In conclusion, Author remarks the God of Abraham's Revelation shared by Jews, Christians and Muslims, and the mercy toward neighbors as religious duty for believers.

Keywords: Islam. Revelation. Basmallah. Divine mercy.

Introdução

A invocação “Em nome de Deus, clemente e compassivo” – conhecida, em árabe, como *basmallah* – abre o Alcorão solenemente, como primeira declaração da revelação divina (cf. Sura 1,1). Seus cinco termos de composição resultam numa articulação não só gramatical e semântica, mas também teológica e hermenêutica: em (*ba*) – nome (*ismu*) – de Deus (*Allah*) – clemente (*rahman*) – compassivo (*rahim*). Na sentença, esses termos se conectam mutuamente. Juntos, funcionam como chave de compreensão para a primeira Sura do Alcorão (*Surat al-Fátiha*) e, à luz desta, para todo o *corpus* corânico. Trata-se de uma operação hermenêutica não exaustiva, obviamente, mas metodologicamente interessante, porque assume três atributos centrais de Deus na teologia islâmica, presentes no Alcorão e na reflexão que lhe seguiu ao longo dos séculos: a unicidade, a clemência e a misericórdia.

Assim, nosso artigo aborda a visão do Deus Único como clemente e compassivo (*ar-rahman wa'r-rahim*) a partir dos termos da *basmallah*. Levamos em conta o vocabulário árabe, suas radicais, sentidos e tradução aproximada em português, bem como as questões teológicas ali contidas. Mirando à compreensão da fé muçulmana e ao diálogo islâmico-cristão, apresentamos a proximidade dos termos com o hebraico bíblico, as nuances interpretativas da *basmallah* para o Islã, a reflexão teológica implicada e alguns elementos do credo monoteísta partilhado por judeus, cristãos e muçulmanos.

Para ser concisos, não nos estendemos na discussão dos atributos divinos conforme cada uma das escolas teológicas do Islã (o que poderá ser feito noutra ocasião); mas citamos os princípios metodológicos e certas distinções doutrinárias do Islã que consideramos importantes para a semântica e a teologia da *basmallah*.

1. A “basmallah”

Das 114 Suras (capítulos) do Alcorão, 113 se abrem com a solene epígrafe “em nome de Deus, clemente [*rahman*] e compassivo [*rahim*]”. Apenas a Sura 9 a omite, embora se intitule Sura do Arrependimento (*Surat’at-Tawba*) e afirme que “Allah é indulgente [*al-Ghafuru*] e misericordioso [*al-Rahimu*]” (v. 5). Esta epígrafe é conhecida como *basmallah* por causa de sua sonoridade, quando exclamada em árabe: *Bismi’lahi l-rahmani l-rahimi*. Inicia-se com a preposição *ba* (em / com) unida a *ism’* (nome) que, por contração, resulta em *bismi* (em nome de / com o nome de). Usada cotidianamente pelos muçulmanos como fórmula de prece ou saudação habitual, a *basmallah* se destaca por seu valor teológico, espiritual e artístico: proclama os atributos divinos da clemência e da compaixão (tradução que examinaremos a seguir); expressa a experiência desses atributos na vida do muçulmano; compõe a arte figurativa e literária do Islã, sendo grafada, declamada ou cantada com refinamento estético pelas diferentes correntes culturais das nações islâmicas.¹

Além disso, a *basmallah* é vista como uma declaração resumida do credo islâmico, uma vez que pode ser entendida como anúncio da primeira página do Alcorão, a *Surat al-Fátiha* (Sura da Abertura), que diz:

Em nome de Allah, o clemente [*al-Rahmani*], o compassivo [*al-Rahim*].

Louvado seja Allah, senhor [*al-Rabb*] dos mundos.

O clemente [*al-Rahmani*], o compassivo [*al-Rahimi*].

¹ Cf. DÉROCHE, François. Basmala. In: AMIR-MOEZZI, Mohammad Ali (dir.). *Dictionnaire du Coran*. Paris: Laffont, 2007, p.120.

Soberano [*al-Malik*] do dia do juízo.
Só a Ti adoramos e só de Ti imploramos auxílio.
Guia-nos à senda reta.
À senda dos que agraciaste;
não à senda dos que incorrem na tua ira, nem à dos extraviados.

Deste modo, a *basmallah* (= Em nome de Allah, clemente e compassivo) e a *shahada* (= Só Allah é Deus e Muhammad é seu mensageiro) se relacionam mutuamente, com vínculos teológicos e espirituais geralmente explicitados à luz da 1ª Sura.²

2. Em/com o nome de Deus: “bismi’lah”

A preposição inicial *ba* tem o sentido de *com* ou *em*, donde sua dupla tradução: “Em nome de Deus...”, preferida por Bausani; ou “Com o nome de Deus...”, preferida por Peirone. A investigação do sentido teológico da *basmallah* requer este detalhamento, porque a invocação aparece na primeira Sura do Alcorão (*Surat al-Fátiha*) não como epígrafe, mas como versículo que abre toda a Récita da revelação (*Quran*). É como se dissesse “por ordem de Deus se abre esta Revelação” ou “eis a Revelação que se abre da parte de Deus” (cf. Mandel, 2004, p. 643). Aliás, Peirone traduz como “[Eu inicio] com o nome de Deus”.³

A contração *bismi* (*ba* + *ism*’) da primeiríssima récita teria ainda um sentido alegórico, segundo Abdallah bin Massud:⁴ “Com a letra *b* se simboliza a beleza esplendente de Deus (*baha*), com a letra *s* a sua grandeza (*sana*) e com a *m* o seu reino (*mamlaka*)”. Comparando-se com as escrituras judaicas que usam, similarmente, a preposição hebraica *be*, temos uma convergência de interpretação simbólica: a Torá se abre com *bereshit* (no princípio), apontando ao Criador manifesto na criação e, indiretamente, acenando ao mistério divino

² Cf. MANDEL, Gabriel; ALLAM, Khaled Fouad (ed.). *Il Corano*. Milano: Utet, 2004. Edição árabe-italiana com aparato crítico e comentários de G. Mandel, 641-648.

³ PEIRONE, Federico (trad.). *Il Corano* vol. I-II. Milano: Mondadori, 1984. Reimpressão da edição crítica de Peirone publicada em 1979, p. 81.

⁴ *Apud* MANDEL, Gabriel; ALLAM, Khaled Fouad (ed.). *Il Corano*. Milano: Utet, 2004. Edição árabe-italiana com aparato crítico e comentários de G. Mandel, p. 644.

anterior a todo princípio (*ein-sof*); o Alcorão se abre com *bismi'lah* (no nome), apontando ao Criador manifesto na récita que ali se abre e, indiretamente, ao mistério divino contido no Nome anterior a todo atributo (*batin*). Pois o Nome (*ism'*) representa o Ser mesmo de Allah, autor transcendente da Récita revelada mediante Muhammad, seu mensageiro (*rasul*): por sua divina autoridade e vontade se abre toda a revelação corânica, recitada à viva voz “da parte de Deus” (= *bismi'lah*). Dito isto, passemos aos termos seguintes, *rahman* e *rahim*.

3. Os termos *rahman* (clemente) e *rahim* (compassivo)

Para nossa leitura teológica da *basmallah* importa compreender os termos *rahman* e *rahim* desde sua radical árabe *r-h-m*, com as opções de tradução para as línguas latinas, particularmente o português. Sendo uma religião fundada na Récita da Revelação (*Quran*), o Islã valoriza o estudo filológico e semântico dos termos corânicos como peça importante para a reflexão teológica (*kalam*). Em primeiro lugar, observa-se que

[...] o termo *rahman*, nos casos em que vem empregado pelo Alcorão, é sistematicamente precedido pelo artigo *al-*, diferentemente do caso de *rahim*, que aparece mais frequentemente sem o artigo; donde se conclui que *al-rahman* se trate de um substantivo (mais precisamente de um Nome divino), que no *basmallah* vem acompanhado do adjetivo epíteto *al-rahim*.⁵

Assim, o primeiro termo invoca a Deus em si mesmo (*al-rahman*), enquanto o segundo se refere à misericórdia que Ele dispensa às criaturas, especialmente à humanidade (*rahim*). A radical árabe *r-h-m* conecta os dois termos em vários níveis verbais e adjetivais, mas não determina uma exata equivalência entre ambos, como se fossem atributos intercambiáveis, postos lado a lado no texto. Há, no caso, aproximações e distinções.

⁵ DÉROCHE, François. Basmala. In: AMIR-MOEZZI, Mohammad Ali (dir.). *Dictionnaire du Coran*. Paris: Laffont, 2007, p. 119-120.

a) Aproximações entre *rahman* e *rahim*

Em árabe, os dois termos são atributos indicadores da vontade divina, mais precisamente do seu bem-querer, isto é, de sua benevolência. Contudo, este sentido não deriva de “bem” e “vontade” como se dá em latim (*benevolentia*), mas da fonte ou matriz do bem-querer divino anunciada na radical *r-h-m* e seus derivados, que são:

O verbo árabe de primeira forma *rahima(hu)*: ter piedade ou compaixão, ser benigno, clemente e indulgente, poupar a vida de alguém; o verbo de segunda forma *rahama(‘ala)* e de quinta forma *tarahama(‘ala)*: manifestar piedade; de sexta forma *tarahama*: mostrar compaixão recíproca, indulgência, benignidade; e de décima forma *istarhama*: implorar clemência, invocar misericórdia, suplicar. Da mesma radical provém o substantivo *irâhim (rihm, plural arham)*: útero, matriz, parentela, consangüinidade (com o plural significando vísceras). O termo *rahma’t* significa compaixão, misericórdia, piedade, com a variante *marhama* – donde provém a fórmula *rahima’hu Allah*: Deus tenha compaixão dele.⁶

Assim, *rahman* e *rahim* se movem no mesmo horizonte semântico, enquanto “formas adjetivais derivadas de *râhim*, que indica o útero feminino, apontando ao estreito liame de amor que existe entre uma mãe e seu filho unidos pela consangüinidade, ou seja, pela mesma vida. Portanto, também no Islã o amor divino tem conotações maternas”.⁷

b) Distinções entre *rahman* e *rahim*

Como mencionado acima, o termo *rahman* designa a essência divina: Allah em si mesmo clemente, por conta de sua ontológica e universal bondade; pois sendo Deus, não poderia ser substancialmente mau, mas sim bom em Si mesmo. Já *rahim* designa o comportamento de Deus para com as criaturas, em termos mais práticos do que afetivos: Allah concede ou não o seu favor aos homens, livre em sua divindade; pois sendo soberano, dá ou nega seu favor a quem Ele quiser,

⁶ MANDEL, Gabriel; ALLAM, Khaled Fouad (ed.). *Il Corano*. Milano: Utet, 2004. Edição árabe-italiana com aparato crítico e comentários de G. Mandel, p. 644.

⁷ SCATTOLIN, Giuseppe. Dio nell’Islam. In: GAMBÀ, Alessandro (ed.). *Cultura, civiltà e teologia nell’Islam*. Genova/Milano: Marietti, 2003, p. 21.

jamais condicionado por outrem (nem mesmo pelo mérito humano derivado das virtudes). O Islã não costuma condicionar moralmente o comportamento de Deus à Sua ontologia, para preservar a *ipseidade* transcendente da divindade de qualquer afetação externa.

Dogmaticamente falando, numa linguagem usual entre cristãos, o primeiro termo se refere à divindade imanente: o ser de Deus em Si mesmo, como plenitude de amor; já o segundo se refere à divindade econômica: o agir de Deus para com suas criaturas, em ato de favor, benevolência, resgate e perdão. Como esclarece Scattolin:⁸

Linguisticamente, a forma *rahman* denota em árabe a abundância da qualidade de *rahma* (misericórdia), enquanto que a forma *rahim* denota a permanência de tal qualidade no seu sujeito. O aspecto da misericórdia (*rahma*) é sem dúvida um dos aspectos fundamentais da relação entre Deus e as suas criaturas, ali posta pelo Alcorão como base desta mesma relação. Um importante verso corânico afirma que “Deus prescreveu para si próprio a misericórdia [*rahma*]” (Sura 6,12).

Os dois termos se distinguem também gramaticalmente, com *rahman* assumindo valor intensivo em relação a *rahim*. Em geral, os gramáticos muçulmanos argumentam com base em duas razões, como explica Rizzardi:⁹

A primeira é empírica: *rahman* se atribui somente a Deus, enquanto *rahim* é atribuível também às criaturas. A segunda razão é considerada válida do ponto de vista exegético: *rahman* exprime a relação de Deus para com a humanidade inteira, a sua benevolência universal, seja para com os bons, seja para com os maus, os crentes e os incrédulos; *rahim*, por sua vez, exprime uma relação de benevolência para com os crentes, como reza o Alcorão: “Ele é misericordioso [*al-Rahimī*] para com os crentes” (33,43).

Outra distinção possível à teologia islâmica (*kalam*) se dá no quadro da Revelação: *rahman* preserva o mistério de Deus, a sua indizível essência que, em sentido último, jamais é exaurido pelo intelecto

⁸ Ibidem, p. 22.

⁹ RIZZARDI, Giuseppe. Il Dio misericordioso dell’Islam. In: *Parola, Spirito, Vita* n. 29 (1994), p. 295.

humano; por sua vez *rahim* desvela a benevolência e a indulgência divina para com as criaturas, pelas quais Allah se mostra como dispensador da misericórdia. Esta dialética entre *Deus absconditus* e *Deus revelatus* é sugerida no Alcorão, que diz: “Ele é o primeiro e o último; o manifesto [*al-Zahiru*] e o escondido [*al-Batinu*]” (Sura 57,3). Neste caso, os dois termos endereçam a teologia islâmica para duas vias de abordagem: a via apofática, do ocultamento (*batin*), alcançada prioritariamente pelo sentido alegórico e místico do Alcorão, com suas analogias; e a via catafática, do desvelamento (*zahir*), alcançada prioritariamente pela inteligibilidade do dado revelado, com suas noções. A tensão entre as duas vias se resolve, em tese, pelos seguintes princípios: consideração da revelação corânica em sua totalidade, afirmação da unicidade divina, distinção em Deus entre atributos *do ser* e atributos *da ação*, não contradição do dado revelado sobre Deus, raciocínio analógico, aproximações hermenêuticas entre o texto corânico e a Suna, que é a tradição normativa compilada.¹⁰ Outro procedimento, mais comum às correntes espirituais do Islã, é o *tawil*: “reconduzir o sentido literal do versículo corânico à sua significação mais profunda, sem, contudo, destruir a letra do texto”.¹¹ Aplicado à *basmallah*, o método *tawil* se opera como recondução teológica de *rahim* (dimensão manifesta de Deus) para *rahman* (dimensão oculta de Deus), através de uma dialética balanceada entre conceito e analogia na reflexão sobre o ser e o agir divinos.

4. Al-Rahman, o Deus único

Do ponto de vista histórico e teológico, é interessante notar que há registros do uso do termo *Rahman* (na sua forma invocativa *Rahmanan* aparentada com o hebraico) como título do Deus Único da tradição abraâmica, nos territórios da península arábica já antes da pregação de Muhammad (622 d.C.). Os sabeus se referiam a *Rahmanan* como

¹⁰ Cf. SAEED, Abdullah. *Introdução ao pensamento islâmico*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 109-130.

¹¹ DE SMET, Daniel. Ésotérisme [islamique]. In: AMIR-MOEZZI, Mohammad Ali (dir.). *Dictionnaire du Coran*. Paris: Laffont, 2007, p. 273.

sinônimo de Deus; os cristãos do Iêmen o invocavam como Deus Pai numa fórmula trinitária: “Em nome de Rahmanan, do seu Cristo e do seu Espírito” (apud Scattolin, 2003, p. 22). E o pregador árabe Musaylima (630 dC *circa*) atribuía suas revelações ao Deus único *Rahmanan*.¹² Segundo Peirone¹³ “o termo *al-rahman* era desconhecido do árabe falado em Meca e foi tomado do hebraico *rahman* por Muhammad, com o significado de misericordioso”.

Este uso entre hebreus, sabeus, cristãos e em seguida muçulmanos, favoreceu a ampliação semântica do termo *rahman*, ancorada em dois aspectos, um linguístico, outro teológico. Linguisticamente, a radical semita *r-h-m* comum ao hebraico e ao árabe aproxima *rahman* e *rahim* (árabe usado por Muhammad em Meca) de *rahmani* e *rahamim* (hebraico usado pelos judeus presentes especialmente em Medina). De fato, as Escrituras Judaicas falam de *rahamim*, as entranhas misericordiosas de Deus, qualificando-O como *rahum wa’hannun*: piedoso e clemente (Êx 34,6.19; Dt 4,31). Teologicamente, todos esses termos convergem nos significados de *benevolência*, *favor* e *amor entranhado*, atribuídos especificamente ao Deus Único adorado por judeus, sabeus, cristãos e muçulmanos, na esteira de Abraão.

5. Opções de tradução

Como toda tradução, também o caso do árabe corânico tem seus desafios, sobretudo para as línguas latinas (como o português), distantes das radicais semitas. Para a *basmallah*, as opções mais correntes são as que seguem, com seus respectivos tradutores e/ou editores:

	Bismi’lah	al-Rahman	al-Rahim	Tradução
A	Com o nome de Deus	Rico em clemência	Abundante em misericórdia	Peirone

¹² Cf. DÉROCHE, François. Basmala. In: AMIR-MOEZZI, Mohammad Ali (dir.). *Dictionnaire du Coran*. Paris: Laffont, 2007, p.120.

¹³ PEIRONE, Federico (trad.). *Il Corano* vol. I-II. Milano: Mondadori, 1984. Reimpressão da edição crítica de Peirone publicada em 1979, p. 84.

B	Em nome de Deus	Clemente	Misericordioso	Bausani Chalita Amir-Moezzi
C	Em nome de Allah	Clemente	Misericordioso	El Hayek
D	Em nome de Allah	Misericordioso	Misericordiador	Nasr
E	Em nome de Deus	Misericordioso	Misericordiador	Fouad-Mendel Jarouche
F	Em nome de Deus	Plenitude de Amor	Misericórdia	Shahrazad
G	Em nome de Deus	Benevolente	Misericordioso	Saeed
H	Em nome de Allah	Compassivo	Misericordioso	Beneito
I	Em nome de Deus	Compassivo	Misericordioso	Cortés-Jomier

Para *bismi'lah* temos: com o nome de Deus, em nome de Deus, em nome de Allah. Para *rahman* temos: rico em clemência, clemente, misericordioso, plenitude de amor, benevolente e compassivo. Para *rahim* temos: abundante em misericórdia, misericordioso, misericordiador e misericórdia. Cruzando as opções mais recorrentes, predomina a versão “em nome de Deus/Allah, clemente/compassivo e misericordioso” (B, C, H, I). Dois casos, porém, merecem nossa atenção por sua peculiaridade: a opção “com o nome de Deus” de Peirone (A), e a opção “misericordiador” partilhada por Nasr (D), Fouad-Mendel e Jarouche (E). Peirone justifica sua opção “com o nome de Deus” sugerindo, em nota, a versão ampliada do verso: “Eu inicio a récita deste livro com o nome de Deus, rico em clemência, abundante em misericórdia”.¹⁴ E segue explicando:

¹⁴ PEIRONE, Federico (trad.). *Il Corano* vol. I-II. Milano: Mondadori, 1984. Reimpressão da edição crítica de Peirone publicada em 1979, p. 84.

Traduzimos a partícula *bi* = *com* ao invés de *em* (nome de Deus); pois a partícula tem muitos significados: pode-se traduzi-la como uma preposição com valor de complemento de companhia ao modo de uma petição de bênção, ou com o valor instrumental de um pedido de ajuda. O teólogo Ibrahim Baguri no seu comentário ao poema teológico *Gawarat al-Tawhid* afirma: “é preferível adotar o *bi* com o sentido de acompanhamento, porque usá-lo como pedido de ajuda implica um uso instrumental; e em tal caso o Nome da divindade viria invocado por outro motivo diverso e menos nobre”.

Nasr, que traduz *rahim* por “misericordioso” anota:

As palavras árabes *ar-Rahman* e *ar-Rahim*, [são] cognatos do substantivo *rahma*, misericórdia, com a peculiaridade, porém, de que *ar-Rahman* é epíteto intrínseco e exclusivo de Deus. Na literatura luso-brasileira esta sutileza epitética é, igualmente, utilizada por Vieira, como se pode verificar no sermão do Quarto Sábado da Quaresma, pregado em 1640 [...], quando designa Deus, por Sua misericórdia, fazendo uso de duas palavras latinas, *miseriors et miserator*, estabelecendo-lhes a diferença, na tradução, por meio de dois sufixos: *-oso*, com o sentido de “pleno de, cheio de”, e de *-dor*, sufixo agentivo com a ideia de “o que faz, o que dá”, acrescidos à palavra misericórdia.¹⁵

Na mesma direção vai Jarouche,¹⁶ explicando o significado das duas expressões cognatas, *rahman* e *rahim*:

A primeira indicaria a superabundância da misericórdia, ao passo que a segunda estaria ligada ao próprio ato de conceder misericórdia. Em português, contrariamente ao que se afirma no dicionário de Caldas Aulete, as palavras “misericordioso” e “misericordioso” não eram sinônimas, conforme se nota no trecho de Vieira citado no dicionário de Moraes: “Deus não só é misericordioso, mas também misericordioso”; segundo Moraes, o primeiro é o “que tem, que usa misericórdia”, e o segundo, “que se compadece, comiserar”; o que, embora não corresponda exatamente ao árabe, permite melhor aproximação.

¹⁵ *Apud Nobre Alcorão*, s/d, nota 4, p. 1-2.

¹⁶ JAROUCHE, Mamede Mustafá (trad.). *O leão e o chacal Mergulhador*. São Paulo: Globo, 2009, p. 222.

6. Termos associados a *rahman* e *rahim* na narrativa corânica

Na narrativa corânica, os termos *rahman* e *rahim* aparecem associados a outros, de radicais árabes diferentes, mas relacionados com o ser e o agir benevolente ou dadivoso de Allah. Esses termos se dividem em dois grupos, cada qual com suas expressões:

Termos relativos à generosidade divina

radicais	termo	forma intensiva	Significado
r-z-q	<i>raziq</i>	<i>razaq</i>	providente, dispensador
w-h-b	<i>wahib</i>	<i>wahhab</i>	doador gratuito, generoso
j-w-d	-	<i>jawad</i>	sustentador, mantenedor
m-j-b	<i>mujib</i>	-	exauriente, que ouve e responde

Termos relativos à indulgência divina

radicais	termo	forma intensiva	significado
gh-f-r	<i>ghafir</i>	<i>ghaffar</i>	que esconde, cancela (os pecados)
gh-f-r	<i>ghafur</i>	<i>ghaffar</i>	que esconde (os pecados), indulgente
a-f-w	<i>afuww</i>	-	que cancela, faz desaparecer (os pecados)
t-w-b	<i>tawwab</i>	<i>tawba</i>	perdão divino (causa) arrependimento humano (efeito)

7. Considerações teológicas

Apesar da proximidade semântica entre os termos corânicos e os termos bíblicos (especialmente hebraicos) referidos à misericórdia divina, o Islã preserva suas distinções teológicas. Enquanto a tradição judaico-cristã compreende a misericórdia divina como uma predisposição afetiva e uma ação efetiva de Deus, ou seja, uma propriedade divina coerente com Sua essência – pois Ele, em última instância, é amor (*ahabá* / ágape) – o Islã compreende o mesmo atributo como

expressão da soberania transcendente de Deus, de sua ipseidade absoluta, sem conotações afetivas determinantes. Em outros termos, para o Islã, Deus é misericordioso, indulgente, dadivoso, compassivo e munificente pelo simples fato de assim o querer, em sua soberania (*rububiya*). Certamente se espera que Allah retribua a bondade e a justiça humanas com sua graça benevolente, afinal Ele é “indulgente e misericordioso” (Sura 3,31): “Aos que creem e praticam boas obras o Misericordioso concederá seu amor” (Sura 19,96); “Implorai o perdão a vosso Senhor, pois Ele não cessa de perdoar” (Sura 71,10). Contudo, Seu amor e seu perdão não decorrem do mérito humano, nem de alguma simpatia de Deus pela criatura; trata-se de uma dádiva por Ele decretada, pois Allah “prescreveu para Si mesmo a misericórdia” (Sura 6,12).

De um lado, esta afirmação da soberania divina faz de Allah a fonte última de toda graça: “Aos que se arrependem, creem e praticarem o bem, a estes Allah computará as más ações como boas, porque Allah é indulgente e misericordioso” (Sura 25,70). De outro lado, a mesma afirmação permite raciocínios mais estritos, como supor que, “se” Allah o quisesse, poderia condenar um justo e agraciar um criminoso; e se não o faz, não seria porque Ele *deva ser justo* (como traço próprio da natureza divina), mas simplesmente porque *quer ser justo* (como lhe apraz: Sura 6,12).

Para evitar contradições graves a respeito de Deus e do quanto Ele diz de si no Alcorão, as diferentes escolas teológicas do Islã procuram elaborar uma interpretação matizada dos atributos divinos da clemência (*rahma*), da misericórdia (*râhim*), do perdão (*ghafir*) e da justiça (*adala*), que tenha sempre presente a liberdade e onipotência de Allah como Senhor do mundo (*al-Rabb*) e Soberano do dia do julgamento (*al-Malik*), livre de qualquer motivação extrínseca à sua vontade:

Todas as escolas teológicas avaliam os favores de Deus em dois níveis: os favores concedidos por Deus durante a vida terrestre (*fi d'dunya*), como a existência, a saúde, a riqueza, os filhos, as alegrias; e noutro nível, os favores para a vida futura (*fi d-din*), que são bens escatológicos (*diniya*) que asseguram a felicidade no além. Põe-se, então, uma pergunta: quem são os destinatários desses favores divinos? Para os mutazilitas, Deus é igualmente benévolo para com todos os

homens, nesta e na outra vida (*fi d-dunya wa'd-din*); para os sunitas, o acesso à fé e à felicidade da vida futura depende de uma graça arbitrária de Deus, concedida a algumas pessoas e negada a outras. Para os sunitas moderados e os teólogos mais contemporâneos, a resposta afirma a graça concedida, com base nos versos corânicos em que Allah manifesta sua bondade até mesmo para os descrentes (cf. Suras 7,69.74; 16,112; 44,25-27). Já para os asharitas, que são sunitas radicais, Deus não favorece os descrentes nem na vida terrena, nem na vida futura: para os que creem, os favores da vida presente servem, de fato, para levá-los a Deus; mas para os descrentes, servem para a danação – razão pela qual Deus as priva de seu favor.¹⁷

Importa notar que a teologia islâmica mutazilita e sunita em geral, bem como certas correntes xiitas e o Islã Reformista, buscam equilibrar misericórdia e justiça divinas a partir de uma leitura orgânica do Alcorão (cf. Saeed, 2009, p. 114-127). Alguns autores promovem uma revisão de perspectivas, a partir dos valores universais do Islã propostos no Alcorão de na Suna.¹⁸ No caso das escolas sufitas, há uma clara preferência por destacar a misericórdia e a benevolência de Allah para com toda a humanidade.¹⁹ Em todo caso, o texto corânico pode inspirar uma renovada hermenêutica ao leitor atento, como se deu com Al-Hallaj, Al-Rumi, Ibn Arabi e Al-Ghazali, diante de páginas como esta:

Quem criou os céus e a terra, e quem vos envia a água do céu, mediante a qual fazemos brotar fecundos vergéis, cujos similares jamais podereis produzir por vós mesmos? Poderia haver outra divindade em parceria com Allah? Porém alguns o dizem e se desviam...

Ou quem fez a terra firme para nela se viver e dispôs em sua superfície os rios; dotou-a de montanhas firmes e pôs entre as duas águas [doce e salgada] uma barreira? Poderia haver outra divindade em parceria com Allah? Porém muitos não o sabem.

¹⁷ RIZZARDI, Giuseppe. Il Dio misericordioso dell'Islam. In: *Parola, Spirito, Vita* n. 29 (1994), p. 296.

¹⁸ Cf. HOSSEIN NASR, Seyyed. Islam. In: SHARMA, Arvind. *Our religions*. New York: Harper Collins, 1993, p. 425-532

¹⁹ Cf. KÜNG, Hans. *Islão: passado, presente e futuro*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 381-403.

Quem atende o necessitado quando implora por socorro? Quem vos liberta do mal e vos estabelece na terra como administradores da criação? Poderia haver outra divindade em parceria com Allah? Contudo, vós pouco meditais...

Também: quem vos ilumina nas trevas da terra e do mar? E quem envia os ventos benfazejos que antecedem à sua misericórdia [= chuvas sazonais úteis ao plantio]? Haveria outra divindade em parceria com Allah? Exaltado seja Ele!

Ainda: quem origina a criação e logo a reproduz? E quem vos dá o sustento do céu e da terra? [...] Por certo o teu Senhor é pleno de bondade para com os homens. (Sura 27,60-64.73)

Conclusão

Antes de tudo, os atributos de unicidade, clemência e misericórdia presentes na *basmallah* delineiam o Deus de Abraão, reiterado tanto na narrativa corânica quanto na narrativa bíblica. Em termos de identidade, aliança e ação salvadora, temos a mesma Face Divina revelada no longo percurso da tradição semita, em cujas sendas caminham os judeus, os cristãos e os muçulmanos. Nem mesmo as nuances interpretativas mais estritas, como vimos, poderiam alterar radicalmente a compreensão semita do Deus único e universal; pois, na verdade, essas interpretações a supõem, focando mais no agir divino e menos na sua ontologia.

Sejamos judeus, cristãos ou muçulmanos, não nos convém condicionar a recepção do dado revelado às vias tortuosas da oposição conceitual, das dicotomias morais e da redução hermenêutica, que nos levam perigosamente a extremismos e exclusões, desrespeitando o amor divino e a dignidade dos semelhantes. Como crentes, somos instados pela consciência e convocados pela graça à *audição integral e comunitária* da Revelação (bíblica, corânica, evangélica, conforme a profissão de fé), como criados atentos à voz do Criador.

Recordemos, ainda, que o próprio termo *Al'lah* é uma contração do artigo *al'* (= o) com o substantivo *Il* (= Deus), que é a versão árabe de *El* – o mesmo Deus invisível e libertador adorado pelas tribos em Ur, Ugarit, Palestina, Israel e Península Arábica. Desmembrando os

componentes da contração, temos *al'illah* – “o Deus” na forma simultânea de exclamação e invocação. Já dizia a declaração *Nostra aetate*: “Quanto aos muçulmanos, a Igreja igualmente os vê com carinho, porque adoram a um único Deus, vivo e subsistente, misericordioso e onipotente, Criador do céu e da terra, que falou aos homens” (n. 3).

Por fim, um aspecto não explorado neste estudo, mas diretamente referido ao tema: no Islã a misericórdia divina deve ser correspondida pela misericórdia humana – ainda que a relação entre ambas seja assimétrica, pois Deus nos supera infinitamente em generosidade. Em todo caso, o Alcorão é assertivo ao propor a piedade para com o próximo, especialmente os necessitados. Em Deus, a misericórdia é uma dádiva; entre os humanos, é um imperativo ético-religioso:

A piedade não consiste em voltar a face ao Oriente ou ao Ocidente durante a prece. Piedoso é aquele que crê em Allah, no juízo, nos anjos, no Livro e nos profetas; aquele que, por caridade, reparte seus bens com os parentes, os órfãos, os necessitados, os viajantes e os mendigos; piedoso é aquele que resgata os escravos, recita as orações e paga o tributo corretamente; que cumpre suas obrigações, suportando adversidades, infortúnios e perigos. Assim são os crentes e piedosos. (Sura 2,177)

Referências

- AMIR-MOEZZI, Mohammad Ali (dir.). Un texte et une histoire énigmatiques. In: *Dictionnaire du Coran*. Paris: Laffont, 2007, p. 119-120.
- BAUSANI, Alessandro (trad.). *Il Corano*. Milano: Rizzoli, 1994. Reimpressão da edição crítica de Bausani publicada em 1988.
- BENEITO ARIAS, Pablo. “Invocai-me e vos responderei”: a resposta divina no sufismo. In: SOUZA PEREIRA, Rosalie H. de (org.). *O Islã clássico*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CAMPANINI, Massimo. *Il Corano e la sua interpretazione*. Bari: Laterza, 2004.
- CHALLITA, Mansour (trad.). *O Alcorão*. Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran, s/d.
- CONCÍLIO VATICANO II. Declaração *Nostra aetate*. In: *Compêndio do Vaticano II*. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

- CORTÉS, Julio; JOMIER, Jacques (eds.). *El Corán*. Barcelona: Herder, 1999. Edição árabe-espanhola, com tradução e comentários de J. Cortés.
- DÉROCHE, François. Basmala. In: AMIR-MOEZZI, Mohammad Ali (dir.). *Dictionnaire du Coran*. Paris: Laffont, 2007, p. 119-120.
- DE SMET, Daniel. Ésooterismo [islamique]. In: AMIR-MOEZZI, Mohammad Ali (dir.). *Dictionnaire du Coran*. Paris: Laffont, 2007, p. 273-276.
- EL HAYEK, Samir (trad.). *Alcorão Sagrado*. São Paulo: Marsam, 2004.
- HOSSEIN NASR, Seyyed. Islam. In: SHARMA, Arvind. *Our religions*. New York: Harper Collins, 1993, p. 425-532.
- JAROUCHE, Mamede Mustafá (trad.). *O leão e o chacal Mergulhador*. São Paulo: Globo, 2009.
- KÜNG, Hans. *Islão: passado, presente e futuro*. Lisboa: Edições 70, 2010.
- MANDEL, Gabriel; ALLAM, Khaled Fouad (ed.). *Il Corano*. Milano: Utet, 2004. Edição árabe-italiana com aparato crítico e comentários de G. Mandel.
- NASR, Helmi. *Nobre Alcorão*. Al-Madinah: Edição do Rei Fahd al-Saud, s/d. Edição árabe-portuguesa com tradução e notas de H. Nasr.
- PEIRONE, Federico (trad.). *Il Corano* vol. I-II. Milano: Mondadori, 1984. Reimpressão da edição crítica de Peirone publicada em 1979.
- RAHMAN, Fazlur. *Major themes of the Quran*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2009.
- RIZZARDI, Giuseppe. Il Dio misericordioso dell'islam. In: *Parola, Spirito, Vita* n. 29 (1994), p. 291-303.
- SAEED, Abdullah. *Introdução ao pensamento islâmico*. Lisboa: Edições 70, 2010.
- SCATTOLIN, Giuseppe. Dio nell'islam. In: GAMBA, Alessandro (ed.). *Cultura, civiltà e teologia nell'islam*. Genova/Milano: Marietti, 2003, p. 9-32.